

Veze e voz às crianças!



Ravi Ribeiro Arena, Garça, SP

EDITORIAL

VEZ E VOZ ÀS CRIANÇAS. POR QUÊ?

Por *Elianeth D. Kanthack Hernandez*

Ao anunciarmos que o NAHum intenta garantir **Veze e Voz às crianças**, pretendemos superar a ideia das frases de efeito para realmente possibilitar que as crianças sejam respeitadas, integralmente, tanto em seus saberes já constituídos, como em seus processos de aprendizagens. Como sujeitos dialógicos, interagimos com o outro por meio de textos orais, escritos, gestos, entonações. A palavra se torna então ponte que liga quem diz a seu outro.

A criança, quando colocada em situação de autora de textos orais e escritos, enfrenta o desafio de romper o texto monológico. Nesse papel, ela dá vida às vozes e aos diferentes enunciados percorridos para o encontro com a palavra viva, não única, mas plural e ativa, em dialogismo constante que remete à pluralidade de vozes.

Ao assumir o slogan **Veze e Voz às crianças**, o NAHum defende que a linguagem nasce na relação entre pessoas, entre consciências. Na alfabetização que defendemos, a leitura e a escrita são processos de apropriação singular da linguagem escrita nessas relações como instrumentos de compreensão e de intervenção autoral na realidade. Por isso, o professor não deve ler em lugar do aluno nem ditar para que escreva. Essas condutas impedem a formação de outra

fundamental: o seu agir no mundo por meio da linguagem escrita.

Nestas circunstâncias limitadoras, a criança apenas compreende a palavra com apoio da voz do professor, uma palavra alheia e a registra. Ao explicitarmos a necessidade de garantir **Veze e a Voz às crianças**, anunciamos que o professor, ao oralizar os textos em todas as aulas, não está ensinando o ato de ler, porque ler é dirigir o olhar para o texto escrito, para sua constituição gráfica; é aprender a dialogar com o outro por palavras escritas. Da mesma forma, ao escrever, a criança precisa planejar sua escrita para situações nas quais os textos circulem em esferas da vida social.

Nossa concepção sobre a linguagem se sustenta no argumento de que o ensino da linguagem escrita deve ter origem nos enunciados, falados ou escritos, que circulam na vida.

A linguagem tem o poder de nomear, criar, transformar o mundo, de possibilitar trocas de experiências, recuperar da memória o que existiu e o que poderá vir a existir ou criar uma outra realidade. Esse poder obriga que a práxis pedagógica em **Veze e Voz às crianças** seja direcionada para a educação crítica e emancipadora. Não é uma tarefa fácil, mas não podemos dela fugir.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

NÃO SÓ DE PÃO VIVE A CRIANÇA: O PODER DOS LIVROS NA HUMANIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Por Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Era uma vez um estudante, que vivia num sótão e nada possuía. E era uma vez um merceiro, dono do prédio inteiro. E foi por isso que um duende decidiu morar com o merceiro. Uma noite, o estudante entrou na mercearia para comprar um pedaço de queijo e velas. Fez as compras e depois pagou, quando viu qualquer coisa escrita no papel que embrulhava o queijo, parou para ler. Era uma página de um velho livro de poemas, uma página que nunca devia ter sido arrancada. Deixou o queijo e comprou o livro, mesmo rasgado. O Duende que quase nunca comia manteiga, curioso ficou. Ao espiar no sótão, ficou maravilhado: o estudante lia e havia muita luz! Cada personagem era uma estrela brilhante, o cenário inundava todo o espaço; havia o canto dos pássaros, como havia o cheiro estonteante das flores. Ele até podia sentir os sabores dos banquetes reais, a tristeza das mães, a felicidade das crianças... Tudo era pura beleza: o duende nunca tinha pensado, muito menos visto e sentido algo parecido.

Um dia, um grande incêndio surgiu. O estudante triste chegou e olhou; e, em meio a fumaça, viu uma criatura agarrada a um objeto. O duende no telhado, pensava: 'O melhor tesouro está a salvo', e percebendo aquele olhar disse em resmungos: "Sabe, eu sempre achei que o pão era a única coisa a me alimentar, mas agora... agora, eu já não sei". E foi, o duende, perfeitamente humano! Esta é uma síntese, parte incompleta de minha adaptação livre do "Duende em casa do merceiro".

O nome de Hans Christian Andersen surgiu aos meus olhos de criança pela primeira vez na capa de um pequeno livro, mal adaptado, com ilustrações estereotipadas. Fui, então, conhecendo 'O patinho feio', 'A pequena vendedora de fósforos',

'Soldadinho de chumbo', 'A pequena sereia', 'Polegarzinha', e mais adiante já quase adulta 'A princesa e a ervilha', 'Os cisnes selvagens', 'A Rainha das Neves'...

Hoje, vejo como eram inadequadas e até ofensivas aquelas adaptações do notável escritor-dinamarquês, porém não impediram que o olhar e o interesse de menina ficassem fixados em um elemento essencial da obra do autor, talvez um dos únicos aspectos ainda vivos, diante de tantas simplificações a que essa se viu submetida. Faço referência à exclusão, e a tremenda necessidade de inclusão, que habita muitos de seus personagens.

Sem dúvida, muitos são os personagens do escritor em absoluta solidão, abandonados, sofridos, todavia são os mesmos, cujo anseio representa um ardente querer: entrar na "festa do mundo", no "grande banquete da vida", ainda que muita gente sequer pense em reparti-lo. Fartar-se do banquete das máximas elaborações humanas parece ainda ser, mesmo quando falamos tanto em direitos humanos, bonança para poucos.

Há mesmo uma forte identificação de muitos de nós e de nossas crianças com os excluídos de Andersen: singulares vivendo entre estranhos, diferentes em um mundo de iguais, invisíveis em territórios desumanos. São como coadjuvantes alheios ao protagonismo das narrativas vívidas, pois como nos diz Bertolt Brecht: *Para quem tem uma boa posição social, falar de comida é coisa baixa. É compreensível: eles já comeram.*

Sentem-se em meio a um dilema, e isso quando podem escolher, já que tudo lhes falta, como o duende: de qual pão se nutrir? Estão sozinhos sobre o coração da terra, como cisnes em uma comunidade de patos, como seres míticos em um mundo nada humano; pobres de toda pobreza,

alheios a necessidades que não ousam sequer pensar existir, tão longe de concretos ‘privilégios’, que deveriam ser direitos garantidos, como inclusive o de alfabetizar-se, de aprender a ler e a escrever.

Sem saber, mas fruto do testemunho do ato de ler do jovem estudante, foi criada no duende uma necessidade humanizadora, componente fundamental vinculado ao campo das emoções e que fez, por isso, surgir o sentido da atividade de leitura literária, o motivo inclusive que o levou a eleger o objeto a ser salvo do fogaréu, dentre tantos outros possíveis: o livro rasgado de poemas, velho e rasgado.

Já aprendemos com as várias tiragens deste folhetim do NAHUM: escrevemos, falamos, produzimos nossas palavras, para sermos compreendidos. Então, se ler é mesmo entrar num jogo de negociação de sentidos com os enunciados alheios, ler é entrar na vida e na língua. Isso sim, o duende tudo percebeu, e mais: aprendeu e se desenvolveu!

Os temas da vida, são os temas dos diferentes enunciados. E se toda palavra literária tem algo a nos dizer sobre uma sociedade, um tempo, uma geografia, uma cultura, como também já nos ensinaram Medviédev (2012) e Bakhtin (2008), toda obra será a aventura de uma consciência dialogando com o mundo, com outras consciências, com a consciência do leitor em busca de uma ‘verdade’ pessoal, mas não dogmática.

A potência da palavra literária, nos disse Maria Tereza Andruetto (renomada escritora argentina, ano passado, em atividade junto ao grupo de pesquisa PROLEAO), reside na possibilidade de nos inquietar, de nos conduzir às zonas inesperadas de nós mesmos. Para aquela que também estuda e reflete e escreve e milita pelo direito inalienável da literatura, este bem cultural não é, necessariamente, um ‘objeto-lugar’ onde encontrar o igual, às vezes, é a única janela para somar-se ao diferente.

Suas obras imperdíveis podem fazer você perceber exatamente isso. Em “Clara e o homem na janela”, o leitor junto com menina pode se perguntar: Por que aquele homem nunca sai da janela? O que será que ele sente, o que pensará, não sente saudade do sol, de outras pessoas “Os afogados”; “O anel encantado”; “A menina, o coração e a casa”

e tantos outros livros da autora e de tantos outros podem não só nos nutrir, alimentando pensamentos e almas mas podem salvar vidas. E por quê? Porque é ARTE, e a arte genuína, todos nós concordamos, é distanciada de uma voz mandatária, tirana, fechada em si mesma como voz de verdade, falseando a natureza real da vida.

Então, porque arte literária, quer seja por enunciados escritos ou visuais dialógicos, pode trazer para a vida muitas de nossas crianças, levando-as a ocupar cada vez mais lugares inesperados, impensados, sobretudo urgentes e necessários em patamares novos de acesso às bonitezas mais sofisticadas da cultura produzida pelos homens. Pode trazer vida literária e humanização; a um só tempo ensinar o ato de ler por meio do objeto livro de infância, desenvolvendo a inteligência e a personalidade das crianças.

Ah! A literatura é generosa demais para nós, profundamente democrática, libertária e revolucionária. Ela nos permite ingressar em seu universo a partir de nossa particularidade, e possibilita a cada um de nós encontrar um caminho próprio: de humanizar-se em comunhão, com e pelo outro, entre suas palavras e ilustrações.

Por fim, amigo professor, o caminho mais acertado e bonito parece ser este que se oferece à criança como um grande banquete: nutrir-se não só de pão, mas de poesia, de enunciados genuínos e vibrantes da literatura infantil, tanto quanto já descobrira o duendezinho de Andersen. Salvemos a literatura, o livro literário, e passemos a presenteá-lo às crianças, PRESENTIFICANDO-O em suas, tão díspares e desiguais, infâncias!

Referências

ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. SP: Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

EU FAÇO ASSIM

A LEITURA E A ESCRITA DE TEXTOS NO LIVRO DA VIDA

Por Greice Ferreira da Silva

A necessidade de ler e de escrever nasce do desejo de expressão que advém das situações de leitura e de escrita de que as crianças participam e das relações que aprendem a estabelecer com elas e a partir delas. Por essa razão, a escrita precisa ser apresentada às crianças, desde o início, de forma dinâmica, dialógica como uma forma de interação.

Relato a seguir uma experiência com crianças de 5 e 6 anos da Educação Infantil que envolve situações de escrita no contexto das Técnicas Freinet. Essas técnicas são compreendidas como um caminho para práticas que possibilitem a apropriação da cultura pela criança, por seu uso social, ou seja, a razão pela qual cada objeto da cultura foi criado e é utilizado socialmente.

O uso das técnicas Freinet permite que a criança vivencie o papel das práticas sociais e participe da vida na escola, porque a apropriação da cultura se estabelece com o desenvolvimento de cada técnica. Com as propostas, as crianças têm maior possibilidade de se envolverem, participarem, refletirem e aprenderem. Por essa razão, não há necessidade de se criar situações para ensinar a leitura ou a escrita, porque as técnicas Freinet são utilizadas para o registro de vivências das crianças, o que garante sua apropriação pelo próprio uso que a sociedade faz desses objetos culturais.

A Técnica Freinet escolhida para esta apresentação foi o relato de vida por meio do Livro da Vida. Os enunciados do gênero relatos de vida correspondem aos fatos vividos pelas crianças, escritos no Livro da Vida, um compilado de textos que conta o que se passa na vida do grupo.

Essa técnica é voltada para a leitura e a escrita, mas apresenta uma preocupação de levar as crianças a expressarem suas ideias, impressões, sensações, sentimentos e opiniões. É um livro de registros escritos e desenhados dos acontecimentos mais relevantes ocorridos no

dia da turma. É a expressão de acontecimentos reais que a marcaram de alguma forma.

Conto agora o que fiz em minha sala. Os registros fizeram parte do trabalho pedagógico desenvolvido desde o início do ano. Expliquei na roda da conversa o seu funcionamento: alguns dos textos criados seriam de toda a turma – textos criados coletivamente com as experiências de todo o grupo –, e outros poderiam ser escritos individualmente, conforme quisessem ou sentissem a necessidade de fazê-lo. Todos os textos escritos e lidos tornaram-se materiais de leitura e ficaram expostos na sala para consulta, assim como as correspondências e outros materiais produzidos por elas ou não, como jornais, livros, gibis, revistas infantis, enciclopédias, folhetos, mapas.

O livro da vida também foi lido pelos pais quando participaram das reuniões, pelos funcionários da escola quando se sentiam instigados para saber dos registros comentados pelas crianças em situações diversas, e pelos correspondentes da turma por ocasião da nossa visita ou ainda pelas próprias cartas enviadas.

Imagem 1: Uma página do Livro da Vida



Fonte: acervo da autora

Em comemoração ao dia das mães e com o trabalho de correspondência já iniciado com a turma, fiz com as crianças uma aula-passeio ao correio, quando puderam conhecer o processo de

envio, postagem e recebimento de cartas escritas para as suas mães com seus desenhos a elas dedicados. Ao voltarmos para a escola, uma criança propôs que escrevêssemos nossa aula passeio no Livro da Vida. Terminado o texto, fiz sua proferição:

Marília, 29 de abril de 2010.

Hoje a nossa turma fez um passeio no Correio junto com a turma da professora L e por isso a gente veio no período da manhã para a escola.

A gente foi de ônibus e viu um monte de coisas no caminho. É super legal andar de ônibus!

A gente foi ao Correio levar as cartinhas que a gente escreveu para as nossas mães. Lá no Correio, o moço que ficava recebendo as cartas, deixou cada um colar o selo na sua própria carta e depois ele carimbava.

A gente levou dinheiro para pagar o selo e ainda sobrou troco.

Depois a gente conheceu o Correio todo e o moço que trabalha lá explicou como é que as cartas chegam ao lugar que a gente quer.

A gente conversou com os carteiros e viu eles separando as correspondências.

Todo mundo gostou do passeio.

Turma do Sol – Infantil II

Depois da proferição, conversei com as crianças (utilizei aqui nomes fictícios) sobre o que eu havia transmitido oralmente a elas:

P: Pessoal, há alguma coisa a mais que vocês gostariam de colocar nesse texto?

Jade: Hum... acho que não pro, mas toda hora repete a gente...

P: Vocês concordam com Jade?

Todas: (ninguém faz comentário)

P: Bem, eu vou ler novamente o texto e vocês me falam se vocês acham que Jade tem razão, tudo bem?

Todas: (Todas concordam).

Terminada a segunda leitura, pergunto:

P: O que vocês acham?

Rubi: Nossa, pro, é verdade, toda hora a gente escreveu a gente...

P: E o que podemos fazer para o nosso texto ficar melhor e não repetir tanto a gente?

Rubi: A gente pode trocar a gente por “nós”, é a mesma coisa, não é? Aí não fica toda hora falando do mesmo jeito.

P: Sim, é uma boa ideia. Então, vamos fazer isso.

A criança se reconhece como sujeito desse processo em que vive e que registra sua própria história. À medida que faz isso, também interage com a língua e percebe gradativamente seu funcionamento.

Há também os textos criados individualmente. Nesse momento, a professora ensina à criança como ela escreve e reescreve os sentidos negociados entre ambas. Por viverem esses processos de interação com a escrita e a leitura, de compreendê-los desde o início como atos sociais e culturais, é criada a necessidade de ler e de escrever. Começam a arriscar, a fazer tentativas para escrever os sentidos.

Imagem 2: Criança escrevendo no Livro da Vida



Fonte: acervo da autora

Escrever se torna um processo interativo discursivo que põe em jogo os conhecimentos já apropriados sobre a linguagem escrita e cria a necessidade de novas apropriações. Nesse processo, a criança atua como sujeito e não como objeto. Ela participa intensamente do discurso e, de forma ativa, é capaz de dialogar com o outro, com o conhecimento e com a vida.

Referência

FREINET, Célestin. *As técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Estampa, 1973.

DIÁLOGO COM OS LEITORES

“A intencionalidade do *website* NAHum é de grande relevância, pois constitui um espaço dialógico acolhedor e de resistência, capaz de levar o leitor a refletir sobre a situação esmagadora das políticas públicas vivenciadas por nós, mas, sobretudo, acerca do empobrecimento e retrocesso da educação no país. Ademais, o boletim apresenta textos com questões provocativas que despertam as consciências para reconstruir práticas em que as dimensões de ensino e aprendizagem estejam conectadas e se complementem diante das propostas voltadas a uma educação crítica e transformadora. Elas são impactadas nas relações e interações entre educando e educador e proporcionam visibilidade, emancipação e empoderamento de ambos ao exercerem o protagonismo de suas ações no contexto escolar, com a possibilidade de realizar outra forma de educar a partir de práticas humanizadoras”. **Professora Ana Lúcia Silvério de Oliveira Domingos** - Creche Espírita Pouso do Amanhecer – Ituiutaba– MG.

“Fiz bastantes reflexões acerca da atividade proposta pela professora Adriana Pastorello no Boletim n. 9, relativo ao exercício de retextualização. Atualmente exerço a docência na Educação Infantil, com crianças pequenas, e não realizo atividades de linguagem escrita; porém, as temáticas ligadas à linguagem me chamam a atenção. Diante disso, achei extremamente rica a experiência de transformar o texto sonoro em escrito e concordo que essa atividade traz mais sentidos e gera interesse nos alunos, ao colaborar para o desenvolvimento deles na apropriação da linguagem escrita – é uma atividade muito rica! Encaminhei o texto para professoras alfabetizadoras que conheço para sugerir a leitura e a análise das sugestões”. **Professora Jordanna Sopranzetti Araujo** - Educação Infantil da rede privada de Uberlândia/MG.

LEITURA NA RODA



Em um ano marcado pelas eleições, o livro “Juntos e misturados: uma história de galinhas”, de autoria e ilustração de Laurent Cardon, proporciona um diálogo interessante com as crianças sobre um fato inusitado: certo dia, o galo

branco some e o caos se instala no galinheiro.

Na busca pelo culpado, as galinhas brancas, pretas e ruivas tentam se organizar para contra-atacar. Mas, isso não será fácil. Preparem-se para diferentes possibilidades de organização do exército de galinhas e um final inesperado! Boa leitura!

FIQUE ATENTO



Acesse o website NAHum e tenha acesso às edições anteriores do nosso boletim, além de artigos acadêmicos e do NAHumCast, programa de áudio realizado com os colaboradores do NAHum sobre temáticas que envolvem a alfabetização. Na primeira temporada, você poderá conhecer a história do NAHum e do conceito de alfabetização humanizadora; na segunda, encontrará temas como evolução da escrita, espaço em branco, caixa dupla, influência do construtivismo nas práticas atuais e desmetodização da alfabetização, e na terceira, as narrativas de profissionais que atuam com a alfabetização. Ouça, comente e divulgue para, juntos, construirmos uma proposta de alfabetização humanizadora!